

TOMORROWLAND, O “LUGAR DO AMANHÃ” COMPREENDIDO HOJE: ESPAÇO, CULTURA E LUGARES MÍTICOS E SIMBÓLICOS

CÁSSIO LOPES DA CRUZ NOVO¹

Resumo: O presente trabalho enfoca a concepção e interpretação dos sentidos e significados dos lugares míticos e simbólicos criados, apropriados e vivenciados no âmbito das experiências espaciais, sensoriais além da imersão buscada e vivida pelo público presente no festival de música eletrônica *Tomorrowland* Brasil 2015. Privilegiamos um enfoque da cultura enquanto contexto, a interpretação dos significados atribuídos e ressignificados pelos diferentes grupos sociais durante o tempo e o espaço do evento. Em complemento, refletimos sobre a importância dos DJs bem como sobre o cenário atual do segmento econômico de festivais de música eletrônica na contemporaneidade no quais o referido festival está inserido e para o qual coopera em fortalecer.

Palavras-chave: Lugar; Lugar Mítico; Lugar Simbólico; *Tomorrowland*; Festival de Música Eletrônica

Abstract: This work focuses on the design and interpretation of the senses and meanings of the mythical and symbolic places created, appropriated and experienced within the spacial experiments, sensory immersion beyond sought and lived by the audience at the electronic music festival *Tomorrowland* Brazil 2015. We favor an approach of culture as context, the interpretation of meanings and reinterpreted by different social groups during the time and the event space. In addition, we reflect on the importance of DJs as well as on the current situation of the economic sector of electronic music festivals in the contemporary world in which that festival is inserted and which cooperates to strengthen.

Key-words: Place; Mystical Place; Symbolic Place; *Tomorrowland*; Electronic Music Festival

1 – Introdução

Um festival de música eletrônica ocorre em determinada localização e em um tempo específico, previamente definido. Oferece, eventualmente, intensas experiências sensoriais ao público. No ano de 2005, no espaço de Schorre localizado na cidade belga de Boom, ocorreu pela primeira vez um evento cujo nome, profeticamente, prenunciava futuros eventos. O festival de música eletrônica belga *Tomorrowland* (Terra do Amanhã), decorrente de outro festival, o holandês *Mysteryland* (Terra dos Mistérios), iniciava sua trajetória.

Após uma década sedimentando-se como o mais prestigiado festival de música eletrônica de seu país natal, em 2014 o evento ocorre pela primeira vez em outro país, nos EUA. No ano posterior, realiza sua primeira passagem por terras

¹ - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO-UERJ).

E-mail de contato: cassiolcnovo@gmail.com

latino-americanas. O evento ocorre na fazenda Maeda (rebatizado para Parque Maeda), situado na cidade de Itu, São Paulo. Entre montes, lagos, florestas e vales, procura reproduzir, material e simbolicamente, os lugares e experiências vividas pelo público na cidade belga. Aos componentes “naturais” da paisagem ituana são acrescentados elementos alegóricos e cenográficos, iluminação altamente tecnológicas, artistas circenses fantasiados de faunos, fadas, cogumelos gigantes, entre outros que compõem nova paisagem², constituindo um novo cenário e ambiente. A intenção da organização ao conceber, construir e oferecer estes lugares, seja na Bélgica, nos Estados Unidos ou no Brasil, objetiva conduzir os indivíduos à outra realidade? Permitir a ruptura com o cotidiano? Antecipar o *amanhã*? Seria o espaço geográfico, transformado, apropriado e (re)significado em lugar, palco, ator, agente, promotor, mediador ou potencializador desta intensa experiência sensorial, estética, musical, midiática, de dos indivíduos com a “Terra do Amanhã” durante a realização de um festival de música eletrônica? São estas questões que nos inspiram e desafiam a compreender o contexto e os significados da *Tomorrowland* Brasil 2015 nas batidas a seguir.

2 – Sobre lugares míticos e simbólicos

Os seres humanos, por necessidade, transformam a natureza. Esta transformação, entretanto, é revestida de “vitórias, dissabores, sentimentos, conflitos, mitos e esplendores O homem cria a sua fabulosa versão da natureza recorrendo aos mais variados elementos” (MELLO, 1993). Eric Dardel, em sua seminal obra o Homem e a Terra, privilegia a ligação do homem com sua terra natal e dos ambientes por onde transita com maior intimidade de maneira que temos “a relação do homem com a Terra [...] como modo de sua existência e de seu destino.” (DARDEL, 2011: 2). Os geógrafos que viriam a se constituir na corrente humanística de geografia, desdobram esta ideia de Dardel e apresentam o lugar como a ligação

² Paisagem é um conceito chave na geografia. No âmbito das perspectivas adotadas, sobretudo a da nova geografia cultural, constitui-se em um dos principais conceitos utilizados em parte significativa dos estudos desenvolvidos. Neste trabalho privilegiaremos a discussão acerca dos lugares míticos e simbólicos. Compreendemos, entretanto, que estes lugares adquirem a concretude necessária sobre a subjetividade e abstração sobre as quais são imaginados/construídos quando são materializados através das paisagens a ele associadas.

visceral entre os seres humanos e sua terra (HOLZER, 1999). Mas de que lugar(es) falamos?

Diante de uma abordagem humanística, espaço e lugar possuem características específicas. O primeiro é vasto, desconhecido, amedrontador ao passo em que nos desafia a explorá-lo. Já o segundo, o lugar, é o palco-ator-cenário da afetividade, da segurança, do bem-estar, do pertencimento no/pelo qual ocorrem as experiências cotidianas ou, como aqui apresentado, os encontros e o lazer (MELLO, 1993). Esta profunda ligação permite que indivíduos e seus ambientes, em simbiótica relação com seu ambiente, assumam as características um do outro.

A abordagem humanística extrapola o sentido unicamente locacional dos lugares. Partem desta necessária concretude, objetiva e determinada no espaço, para abordagens mais subjetivas e sensoriais. Para Holzer (1999), “se refere ao modo de ver o mundo, a seus padrões objetivos, mas também às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares”. Nesta corrente muitos pesquisadores, apoiados pela fenomenologia, apresentam o lugar como fruto das percepções, das vivências e das experiências intersubjetivas de indivíduos. A ideia de lugar como mundos de significados, maneiras de ver o mundo, não é exclusiva de um autor. Para Tuan (2013): “todos os lugares são pequenos mundos. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação”. Neste sentido, podemos refletir que os lugares contém tudo aquilo que o mundo contém. Segundo Holzer (1999) “ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros”. O lugar, para Tuan (2013),

tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

É sob esta perspectiva, privilegiando os sentidos e significados atribuídos aos lugares pelas pessoas que os vivenciam, que buscamos compreender os lugares

concebidos e construídos pela organização da *Tomorrowland* e, posteriormente, apropriados, ressignificados e vivenciados pelos participantes do festival. Neste ponto, porém, percebemos que estes lugares carregam consigo as intenções dos organizadores do evento. E questionamos: é possível, diante do exposto, que o sentido e o significado do(s) lugar(es) sejam definidos ou criados por outro que não aquele que o vivencia e com o qual inter-relaciona-se?

Este questionamento nos conduz à percepção de que o(s) lugar(es) proposto(s) pela organização do festival possuem características extraordinárias. Seriam lugares intencionalmente concebidos para oferecer uma experiência aos indivíduos diferente daquelas de suas vidas cotidianas, da rotina. Lugares cuja paisagem, sons, cheiros, formas e atmosfera concorrem para criar uma experiência única, imaterial, transcendental, no tempo e no espaço da festa. Lugares míticos? Simbólicos? Eis o que buscamos compreender.

Para TUAN (2003: 96) “o mito frequentemente é contrastado com a realidade. Os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso (...), no entanto os mitos não são coisa do passado, porque o conhecimento humano permanece limitado”. Ainda segundo o geógrafo sino-americano os mitos geográficos perderam a proeminência na medida em que a terra é, atualmente, muito mais conhecida em seus aspectos físicos. Não obstante, nosso conhecimento é restrito, seletivo e influenciado pelas paixões da vida. Sendo assim, podemos compreender os lugares míticos como aquelas porções do espaço geográfico, localizadas espacialmente, imbuídas de sentidos e significados intencionalmente construídos pelos organizadores do festival e ressignificados por aqueles que os experienciam no tempo e espaço da festa. Reúnem, em si e a partir de si, partes de uma história que se deseja contar e, também, participam ativamente na história que se cria e que se conta por quem vivencia estes lugares.

Um exemplo interessante é a estratégia de oferecer, aos participantes do festival, a opção de acampar durante os três dias de eventos. Este acampamento, no entanto, reveste-se de sentidos e significados ainda mais complexos. Isto porque a área destinada ao camping, denominada *DreamVille* (Vila dos Sonhos) abre-se ao público que deseja permanecer mais tempo – e mais intensamente – no evento. Portanto, além dos dias oficiais do evento, a *DreamVille* é aberta ao selecionado

público um dia antes e conta com uma programação especial, paralela ao evento oficial, para que seja possível uma experiência ainda mais intensa de relação com o lugar.

Seria, então, a *Tomorrowland*, a face visível de uma busca por se construir um lugar mítico, um paraíso na terra? Tuan (2003: 97) nos sinaliza que “descartar a ideia de um paraíso terrestre poria em risco uma visão de mundo”. Seguindo este raciocínio, podemos imaginar que confirmar a ideia de – e construir – um paraíso na terra antecipa e promove uma visão de mundo. No caso em tela, uma capaz de apontar um mundo de fantasia, de encontro entre pessoas amantes da música eletrônica, de comunhão de espíritos elevados e desejosos de se conectar a partir das batidas da música eletrônica oferecidas por um ou mais artistas. Estes lugares míticos e simbólicos, construídos e vivenciados durante o festival, podem ser percebidos como enclave(s) idílico(s). Ou seja, lugar(es) artificialmente criado(s) com a intenção de conectar seus frequentadores, no tempo e no espaço da festa, à outra realidade, utópica, mítica.

Uma das estratégias efetivadas pela produção do festival é oferecer o ambiente promotor ou permissor de uma ruptura com a realidade cotidiana, ordinária, do público. Isto ocorre no âmbito de uma ideia geral e universal de que a natureza oferece condições para aproximar o homem de um paraíso terrestre. A opção pela Fazenda Maeda, no município de Itu, pode ser entendida, também, sob este viés. A escolha de um local de grande extensão territorial, repleto de paisagens “naturais”, “verdes”, com a presença de vales, montes, áreas florestadas, lagos e ausência de paisagens urbanas ou “humanizadas”, coaduna-se com aquela intenção dos organizadores. Somamos ao exposto a aparente busca por simular/emular, no sudeste brasileiro, a paisagem belga onde ocorreram as dez primeiras edições do evento. Uma paisagem, importante destacar, já presente no imaginário do público desejoso de antecipar o “Amanhã” belga no presente brasileiro. Os indivíduos, por sua vez, desejosos em estabelecer esta e outras conexões, apropriam-se do lugar e dos símbolos que lhes são oferecidos e os vivenciam ativa e profundamente. Desta maneira transformam em realidade o desejo dos produtores do evento enquanto materializam, ali, seus sonhos individuais e coletivos ao construírem suas próprias narrativas e histórias com a “Terra do Amanhã” vivenciada naquele lugar e tempo.

O lugar, diferente do espaço, é onde se estrutura um mundo de significados organizados e de nossa intenção de organizá-los. Ou seja, o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo (HOLZER, 1999). Uma das evidências desta intencionalidade é a escolha, a cada edição da *Tomorrowland*, de um tema³. Este tema serve de condutor das narrativas, da utopia, que será imaginada, construída e materializada no espaço e como base do esforço estético a ser empregado na materialização deste lugar imaginário. O lugar mítico e simbólico vivenciado nos dias de festa consiste, também, na atmosfera deste lugar cujo tema inspira e limita a construção e interpretação de seus significados variáveis.

Para o público, este lugar aproxima-se de uma tentativa de reprodução de um paraíso na terra. Música, lagos, ornamentação, comidas, cheiros, iluminação futurista e altamente tecnológica, fogos de artifício sincronizados com os momentos e sons do evento, artistas performáticos, cogumelos gigantes e multicoloridos dispostos pela área, palcos monumentais e gigantescos painéis de *LED*, *lasers*, constituem estratégias engendradas objetivando isolar, por dias, os indivíduos do “mundo exterior”. E, conseqüentemente, lhes oferecer a “experiência de suas vidas”. O amanhã, hoje.

Ainda assim, mais do que sensações, esta opção inscreve este mundo de fantasia em complexa teia de significados e estratégias do estágio atual do sistema capitalista. Neste sentido, o “mundo oferecido” carrega consigo as estratégias de tornar ainda mais complexos os processos de reprodução do capital através da concepção e construção destes lugares míticos e simbólicos os quais são disponibilizados diante da demanda atual de pessoas desejosas de vivenciarem uma intensa e radicalmente distinta atmosfera daquela percebida em seu cotidiano. Antes, porém, de enveredarmos pelas sendas da dimensão econômica na qual um festival desta magnitude se insere, exploremos, brevemente, de que maneira ocorre a conexão acima mencionada. Como é possível oferecer e promover uma transcendência buscada por muitos dos frequentadores do *Tomorrowland*?

2.1 – Transcendendo através dos lugares e da “magia dos DJs”.

³ Nesta primeira edição brasileira o festival reapresentou um tema utilizado em uma de suas edições belgas: “The Book of Wisdom” (O Livro da Sabedoria).

Os artistas encarregados de produzir, mixar e conduzir a parte musical de eventos como este são os *disc jockeys* (*DJs*). Parte de sua responsabilidade é atuar como criadores/condutores do público para a ocorrência das propostas pretendidas pelos organizadores do festival. A partir da materialização deste(s) lugar(es) simbólicos, é possível entendê-los como os responsáveis por utilizar seu talento e conhecimentos como catalisadores e/ou facilitadores da transcendência que muitos participantes do festival buscam quando vão ao encontro desta experiência espacial e sensorial? Através da música, das hipnóticas batidas e melodias, ambientados no lugar e cooperando para a atmosfera mística e fantasiosa do mesmo, alguns dos *DJs* mais talentosos podem atuar no sentido de oferecer e facilitar o deslocamento espaço-temporal de indivíduos durante alguns momentos de suas apresentações. Neste sentido, o(s) lugar(es) míticos e simbólicos, em alguns casos, poderiam ser considerados, por alguns indivíduos, como lugar(es) quase (pseudo) sagrado(s).

A esta percepção acima, podemos acrescentar a já existente ligação de um sentido espiritual de conexão com a natureza e/ou com um sentimento quase sagrado de conexão através da música e dos lugares e paisagens de festivais de música eletrônica. A partir de Weber (2004), apresentamos a reunião de muitas pessoas imbuídas do desejo por esta experiência transcendental auxiliadas pela atividade desempenhada por um profissional encarregado – em nosso caso os *DJs* – por auxiliar que esta ruptura com o ordinário, o cotidiano, aconteça no espaço e tempo da festa. Analisando as ações sociais dos indivíduos, é possível percebermos como estes mesmos indivíduos, desejosos de alcançar aquela ruptura com a normalidade/realidade, dirigem-se a lugares especiais, míticos, simbólicos –m muitas vezes percebidos como quase sagrados para alguns – e, a partir do carisma e da atuação de um profissional qualificado, somados à utilização “dos meios de rompimentos de todas as inibições orgânicas: produção de embriaguez tóxica (mediante álcool, tabaco ou outros tóxicos) ou musical-orquestral” (WEBER, 2004: 361) alcançam êxito em seu objetivo de atingir o êxtase. O festival, por sua vez, ao reunir pessoas ansiando pelo mesmo fenômeno, pode ser compreendido como ator, palco e cenário no qual, eventualmente, ocorre a orgia apresentada por Weber.

Estes sentimentos e sensações, inter-relacionadas com o espaço e com os lugares míticos e simbólicos, no período festivo, possuem, sem dúvida, intensos

graus de abstração e de subjetividade. Por outro lado, é imperioso reconhecer que, para além da imaterialidade inerente ao tema sob investigação, existe uma dimensão econômica a qual opera, forte e incessantemente, para efetivar-se no espaço geográfico. A transformação das paisagens, a escolha do local a sediar o evento, a vinda do festival para o Brasil, a criação de lugares míticos e simbólicos, o grande número de artistas internacionalmente prestigiados, entre outras questões a serem consideradas, constituem partes de um todo extremamente complexo da engenhosidade e da monumentalidade logística necessárias para materializar e realizar um grande festival de música eletrônica atualmente. É válido o investimento feito para que se possa antecipar o “amanhã”?

2.2 – Antecipar o *amanhã* custa caro. Mas parece ser um bom investimento...

Conforme antecipamos, a criação e apropriação de lugares míticos e simbólicos, bem como a performance dos artistas em interação com o lugar e com o público, atuam no sentido de oferecer uma atmosfera única objetivando uma ruptura com o cotidiano no tempo e no espaço da festa. Mais que isso, um deslocamento espaço-temporal no qual, muitas vezes, os indivíduos se esquecem do “mundo real” e, por momentos, imaginam e experienciam uma vida alternativa. Uma experiência transcendental, sobrenatural, extraordinária, alheia e além àquela do cotidiano.

Entretanto é preciso pontuar que esta dinâmica e as estratégias para colocá-la em marcha constituem-se naquilo que, atualmente, podemos considerar como a face mais complexa do capitalismo. A conformação espacial do festival, a sua existência física e simbólica, competem para torná-lo um símbolo do capitalismo. A grande área ocupada, os fluxos que promove (de atração e emissão), seu potencial de difusão, os números envolvidos para a realização do evento, a centralidade na atração destes fluxos e a posterior convergência dos produtos e serviços oferecidos no intuito de tornar as operações mais eficientes, permitem que o festival possa ser observado como um símbolo espacial do capitalismo. Estas convergências expressam a crescente articulação entre economia e cultura, na qual significativa parcela da produção econômica passa a ter forte conteúdo cultural e a cultura torna-se progressivamente mercantilizada (Scott, 2001).

Na passagem acima, bem como em nosso entendimento geral, aproximamos, teórica e conceitualmente, o festival da *Tomorrowland* a um parque temático, destacando que o evento possui curta duração e frequência. Conforme salientamos, estudos sobre parques temáticos aproximam-se de outros como, por exemplo, os shopping-centers. Versando sobre este último, mas convergente ao que defendemos existir de semelhança entre ambos, Roberto Lobato Corrêa⁴ sintetiza algumas das ideias de Hannigan e defende que os shopping-centers se caracterizam pelo uso crescente de técnicas racionais baseados em quatro estratégias (eficiência, calculabilidade, previsibilidade e controle), a proliferação de ambientes temáticos e, por fim, sinergias entre empresas dos setores de entretenimento, comunicação e mesmo do setor industrial. Disto resultaria a criação de subsidiárias direcionadas à produção de bens e serviços simbólicos. Nesse contexto, percebemos a aproximação entre as esferas de consumo tais como: compras, alimentação, entretenimento e consumo cultural.

No caso do festival observamos todos os elementos acima listados. Há, inclusive, uma moeda local⁵ cujo câmbio se faz em quiosques espalhados pelo Parque. Há, também, a existência de um jornal independente⁶, cuja narrativa coopera para a criação e manutenção de uma atmosfera mítica e adequada ao planejamento dos organizadores. Esta mídia, como consequência, atua fortemente na difusão do festival em escala local durante a realização do mesmo. Age também no restante do ano criando a expectativa pelo próximo evento na medida em que narra sua versão acerca do que foi a última edição do *Tomorrowland*. Durante os dias do evento disparam-se, ainda, estímulos variados para o consumo. Camisas, bonés, bandeiras e acessórios em geral, fabricados com a logomarca do festival, são oferecidos durante todos os dias, anunciados como relíquias ou memórias sobre o tempo passado naquela realidade alternativa. Ao custo de produção e

⁴ Observações realizadas durante a disciplina Cultura e Natureza, ministrada por CORRÊA, no primeiro semestre de 2015, no âmbito do PPGEU-UERJ.

⁵ *Token* é o nome atribuído à moeda local circulante no ambiente do festival.

⁶ *Tomorrowland Today* (Terra do Amanhã Hoje) é o nome do jornal editado, impresso e distribuído durante o evento, gratuitamente, para os frequentadores. A mesma edição é disponibilizada, *online*, no sítio eletrônico oficial do festival.

comercialização destes produtos agrega-se o valor simbólico (Bordieu, 1974) tornando os valores reais envolvidos nesta comercialização ainda mais altos.

Saindo da escala local, os números envolvidos na realização de eventos do porte do *Tomorrowland* Brasil 2015 refletem e potencializam, confirmando e pavimentando os caminhos, o atual momento da música eletrônica em nível global. Segundo o anuário 2015 da Rio Music Conference (RMC) “somente nos EUA aproximadamente 900 festivais foram realizados no ano de 2014” (RMC, 2015: 118). O anuário do conglomerado de mídia especializada na cena eletrônica apresenta interessantes números sobre os maiores festivais e sua importância na consolidação do cenário atual⁷. Em 2014 foram movimentados mais de 3,1 bilhões de reais neste segmento. Somente “a empresa SFX, dona das marcas *Tomorrowland*, *TomorrowWorld*, *Rock in Rio*, entre outras, obteve um crescimento de 33% em público nos anos de 2013 e 2014. A empresa divulgou os lucros do primeiro trimestre de 2014: U\$ 82 mi” (RMC, 2015: 120)⁸. A mesma reportagem cita, dentre outros, o *Coachella* como exportador de um novo modelo de festival para o mundo, o *Burning Man* e suas quase três décadas de tradição, o *Lollapalooza* e seu movimento no sentido de desbravar a Europa, os trinta Anos da franquia *Rock in Rio* e a Europa como o grande polo exportador de festivais do gênero a despeito da pujança estadunidense. Segundo o anuário,

os festivais nunca estiveram tão em evidência como hoje em dia. Embora os norte-americanos sejam em grande parte os responsáveis por um novo *boom* de festivais, é no velho continente que surgiu o evento que melhor traduz o novo espírito do tempo da geração Y. O belga *Tomorrowland*, que comemorou 10 anos em 2014, bateu recordes ao esgotar mais de trezentos mil ingressos em poucas horas.

Percebemos que, mesmo ao tratar da dimensão econômica do evento, a atmosfera única e a consequente imersão dos participantes oportunizada pelos

⁷ O anuário está disponível no sítio eletrônico oficial do RMC: <http://www.anuariormc.com.br/>

⁸ Isto sem a ocorrência de nenhum grande festival internacional no país. A tendência é que, este ano, após a realização do *Tomorrowland* Brasil e, confirmando-se a vinda e ocorrência de outros dois mega festivais (*Ultra Music Festival – UMF*) e *Electric Daisy Carnival – EDC*) estes números sejam ainda (muito) mais expressivos.

lugares criados, possuem centralidade e importância decisiva na promoção do evento e, certamente, na lucrativa atividade de organizar estes grandes festivais. Mais uma vez tomando o anuário da RMC como referência, buscamos compreender um dos “segredos do sucesso” de festivais como o *Tomorrowland*. Segundo a revista seria a partir de uma “experiência perfeita, planejada meticulosamente, somada a uma boa dose de criatividade e um forte pé em suas raízes, e uma visão que possibilitou a expansão internacional da marca para os EUA e, em 2015, para o Brasil.” (RMC, 2015: 119). Acrescentamos que estes elementos inscrevem e reforçam o potencial deste festival no cenário da música eletrônica nas mais variadas escalas e, concomitantemente, na dimensão econômica na qual podemos analisar a realização de megaeventos como este.

3 – Considerações Finais

A primeira edição do festival *Tomorrowland* realizada no Brasil parece indicar, com ainda mais certeza, o destaque do país no cenário do segmento de música eletrônica. Além disso, posiciona o Brasil como destino de grandes festivais desta vertente em um momento no qual se observa, em nível global, grande pujança deste setor de entretenimento. Em termos de estratégia de valorização de produtos e serviços muitos destes festivais, o *Tomorrowland* dentre eles, aposta e desenvolve ações objetivando oferecer ao público mais que música eletrônica de boa qualidade, mas uma experiência única e indescritível.

Para conseguirem impactar positivamente os participantes, a organização do evento decide um tema a cada edição e, a partir desta escolha, desenvolve um conceito para criar uma atmosfera para o evento. Nosso trabalho buscou compreender as intenções pretendidas e as interpretações dos participantes a partir da interação dos indivíduos nos dias de festival. A concepção e consequente materialização de lugares mítico-simbólicos através da criação paisagens de simulação permite aos participantes vivenciarem uma experiência de descolamento da realidade cotidiana de suas vidas. É a possibilidade de se desconectarem espaço-temporalmente do mundo “real”, do “hoje”, encontrando neste lugar mítico,

constituído por paisagens fantasiosas, a utopia do “Amanhã”. Para isso, os indivíduos conectam suas histórias e experiências às expectativas da organização do evento, ao lugar e às suas paisagens e, através das batidas hipnóticas e aceleradas dos DJs, experienciam a transcendência para outro lugar, para outro tempo. Para a “Terra do Amanhã”.

4 – Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: A economia das trocas simbólicas. (org. Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974. Pp. 99-181.

DARDEL, Eric. O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HOLZER, W. O Lugar na Geografia Humanista. Revista Território. Rio de Janeiro: ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

MELLO, João Baptista Ferreira de Mello. A Humanização da Natureza – Uma Odisséia para a (re)Conquista do Paraíso. In: Geografia e Questão Ambiental (MESQUITA, O.V. & SILVA S.T. orgs). Rio de Janeiro: IBGE. Departamento de Geografia. 1993. 166 p.

RMC, Rio Music Conference. Anuário 2015. A Era dos Festivais Experiência. http://issuu.com/riomusicconference/docs/anuario_leve_final/119?e=9232377/11742413, acesso em 10 de junho de 2015.

SCOTT, A.J. Capitalism, Cities and the Production of Symbols Forms. Transactions of the Institute of British Geographers NS, 26(1), pp. 11-23, 2001.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 2013.

Da Disney chega a eletrizante aventura de mistério Tomorrowland - Um Lugar Onde Nada É Impossível, do diretor ganhador de dois prêmios Oscar® Brad Bird, estrelado pelo ganhador do prêmio da Academia® George Clooney. Ligados por um destino, Casey (Britt Robertson), uma adolescente otimista e vibrante com curiosidade científica, e Frank (Clooney), um gênio desiludido, embarcam em uma missão repleta de perigos para desvendar os segredos de um local enigmático em algum lugar no tempo e no espaço conhecido como Tomorrowland. O que eles devem fazer lá muda o mundo - e eles - para sempre. [Read more.](#)